



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

HISTÓRIA EM SILÊNCIO: AS DIFICULDADES A PERCORRER NO OFÍCIO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS EM ITABORAÍ

GREGORIO, Guilherme Brenner Oliveira¹
CECILIO, Diogo de Souza²
ANCHIETA, Ester Vitória Basilio³

RESUMO: Diante das inúmeras dificuldades que encontramos no ensino da LIBRAS, pretendemos, a partir desse artigo, analisar múltiplos aspectos relacionados ao fazer do ensino da disciplina de História em LIBRAS no contexto das escolas públicas na região de Itaboraí.

Palavras-chave: Educação especial. Ensino de História. Itaboraí

ABSTRACT

Facing the uncountable difficulties that we find on the teaching of sign language, we pretend with this article, to analyse multiple aspects related to do the teaching of History Subject on "Libras" language in the public schools context at the region of Itaboraí

Key words: Special education. History teaching. Itaboraí

1 INTRODUÇÃO

Baseado nas experiências adquiridas no curso de História oferecido pela Universidade Federal Fluminense e pesquisa de campo realizada no município de

¹ Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) E-mail: Guilherme1rj@gmail.com

² Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) E-mail: Sc.diogo25@gmail.com

³ Professora de Libras na Universidade Federal Fluminense (UFF), orientadora do presente trabalho. E-mail: estervbasilio@gmail.com



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

Itaboraí, analisaremos os desafios existentes na prática do ensino de História utilizando como apoio, as experiências vividas por Gabriele Vieira Neves no ensino de História para alunos surdos na Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller e brevemente apontaremos as consequências da crise socioeconômica na cidade de Itaboraí na educação e conseqüentemente no ensino de LIBRAS no município. A partir da coleta de dados no Colégio Estadual Visconde de Itaboraí e da visita a Secretária de educação do município, buscaremos apontar os esforços realizados pela prefeitura para superar a crise e oferecer um ensino de qualidade para os alunos da região.

2 UM BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Como sabemos, a cultura surda é produto de diversas construções sócio-históricas das comunidades surdas de todo lugar do mundo, que vem sendo transmitida por gerações ao longo das décadas. De todo modo, o debate central nos círculos acadêmicos, em certa medida, ainda gira em torno daqueles que defendem o ensino da língua oral para os surdos como forma de inseri-los na comunidade ouvinte e aqueles que defendem a língua de sinais, característica da população surda, como recurso linguístico capaz de constituir identidade cultural, situando o surdo na comunidade surda e na ouvinte de maneira a desenvolver a educação dos mesmos. Este debate se remonta no começo do século XIX impulsionado por figuras como Charles-Michel de L'Épée – Figura que funda o Institut National de Jeunes Sourds de Paris, que viria a ser a primeira escola aberta ao público a nível mundial – e seus sucessores Sicard e Ferdinand Berthier. Uma notável figura intelectual, o surdo congênito nascido na França em 1803, Ferdinand Berthier, se destaca por sua relevante contribuição na vulgarização do conhecimento a cerca das questões que compõem a difícil legitimação da cultura surda pelo viés do respeito e da compreensão da linguagem viso-gestual como forma de expressão linguística. Berthier faz sua argumentação a favor do ensino da linguagem



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

gestual como meio de educação de surdos, pois definia com clareza que a linguagem de sinais constituía um idioma, a exemplo deste trecho:

“Tudo que eu posso dizer sobre a linguagem de sinais é que, ainda hoje, poucas das pessoas que falam têm uma precisa idéia do que consistem esta linguagem e sua genialidade. Muito menos simples do que se costuma supor, ela tem um pequeno número de ingredientes em um infinito número de combinações e isto é avivado pelo jogo de fisionomias. Ela tem tudo que é necessário para representar todas as idéias que povoam a mente e todos os sentimentos que provocam o coração (BERTHIER,1984, p.175)”.

E ressalta o valor da escrita como recurso metodológico no processo de aprendizado quando diz:

“A influência da linguagem de sinais no desenvolvimento intelectual da pessoa surda – tão grande como a influência dos sons da fala tem sobre a mente de uma criança ouvinte – não revela que pode ser fornecida uma grande quantidade de conhecimento sem a ajuda de linguagem escrita e que este conhecimento pode mais tarde servir para interpretar a linguagem falada? Posteriormente, a linguagem escrita registra idéias adquiridas, as coloca em categorias metódicas, e as torna mais precisas, aliviando assim o peso que elas exercem na memória e fornecendo uma nova energia à compreensão, ou pelo menos, fornecendo a ela um uso mais livre de toda a energia a seu dispor (BERTHIER,1984, p.188).”

Neste cenário que o oralismo alemão surge em oposição ao gestualismo francês. Definida sua orientação a partir de Samuel Heinicke - primeiro educador que sistematizou o ensino através da oralização para surdos na Alemanha -, como primeira



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

geração que viria a influenciar nas diretrizes do que se conformaria futuramente, sobretudo depois da revolução francesa, como um movimento que, em certa medida, frearia o desenvolvimento de um debate mais progressista na esfera pública.

Se, entre os séculos XVIII e XIX, as abordagens gestualistas defendiam a primazia das linguagens (e línguas) de sinais na instrução do sujeito surdo, as práticas oralistas opunham-se ao gesto, afirmando-o como um sistema precário de comunicação (como um esforço que em muito atrapalhava o aprendizado da fala). Esses dissensos e distensões no campo político/pedagógico da surdez desdobraram-se em novas proposições que alteraram radicalmente a vida cotidiana e o destino de muitos indivíduos surdos. Tais mudanças cristalizaram-se e oficializaram-se, sobretudo, por meio do Congresso de Milão, em 1880. Foram sete dias de discussões, apresentações e votações, no começo de setembro de 1880, em Milão, Itália, elegeram os pressupostos oralistas. As resoluções foram quase que unânimes, cabia as escolas o ensino da fala como meio de inserção do surdo em um mundo ouvinte, os gestos foram banidos e as práticas bimodais que usavam a fala e os gestos foram rejeitadas pelos congressistas.

Ou seja, o oralismo puro, como acordado por grande parte dos mais de 170 membros do Congresso (em sua quase totalidade ouvintes), foi apontado como a melhor abordagem para a educação de surdos. Tais diretrizes pautaram-se em uma série de premissas que permeavam as concepções da época sobre a surdez. Diante destas colocações, Foucault retoma o debate no século XX quando fala sobre a visão biologizante do corpo, ou daquilo que era considerado um corpo normal saudável e produtivo. Assim como a categoria “normal”, representa uma construção social e, por consequência, histórica, a categoria anormal é produzida, em cada período histórico, e legitimada pelo exercício de determinados poderes, definida pelo historicismo. Se em outro momento a anormalidade estava vinculada ao campo do sobrenatural, com o



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

desenvolvimento da ciência moderna (DARTON) esta categoria passou à intervenção controlada, tendo como base o paradigma biológico. O que se verifica na forma como funcionava a intervenção é o que Foucault (2010) define como “poder de normalização”.

O que se verifica é um processo geral de normalização social e política, do qual podemos constatar alguns efeitos de normalização. É dentro dessa conjuntura consolidada pela universalidade da verdade é que se verifica a grande problemática do Município de Itaboraí.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CRISE ECONÔMICA NO MUNICÍPIO DE ITABORAÍ

O município de Itaboraí, localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, recebeu em 2006 a maior obra em curso da Petrobras. O plano inicial era a construção de um complexo petroquímico acoplado a uma refinaria de petróleo, o COMPERJ. Itaboraí era conhecida pela calma como uma cidade do interior, contudo, com o início da construção do COMPERJ, era previsto a geração de 200 mil empregos diretos e indiretos. A refinaria forneceria insumos para o parque petroquímico e o mesmo parque atrairia para a região, diversas indústrias especializadas na fabricação de plásticos.

11 anos depois do início dos planejamentos para as obras, a realidade é completamente diferente do que era prevista. Devido ao grande número de irregularidades e erros de projeto presentes na obra, como por exemplo os escândalos de corrupção envolvendo a Petrobras e a desistência por parte da empresa de construir o pólo petroquímico acarretando na geração de somente 2 mil empregos no total. É estimado que no período entre 2009 e 2014 a receita da prefeitura de Itaboraí tenha quadruplicado, contudo, poucas melhorias foram realizadas nos serviços públicos, como afirma o professor da Rede Municipal de Itaboraí, Marco Vinícius Moreira Lamarão:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

" Mesmo diante de bastante luta e diversas greves, os educadores do município - como exemplo - tiveram um ganho salarial no período muito menor do que o crescimento orçamentário, sendo que este ganho diante da falta de reajuste em 2015, já foi consumido pela inflação[...] Resumindo: quando houve o crescimento orçamentário no município este não se reverteu ao benefício da população, se restringiu as obras de fachadas (inclusive nas escolas públicas que a cada mandato ganham novas cores de acordo com a preferência do poder municipal). Ora, se não houve investimento real nos direitos sociais destinados as parcelas mais carentes de Itaboraí quando houve crescimento orçamentário, nada mais natural do que sacrificar justamente estes direitos quando a receita deixa de crescer." (LAMARÃO).

O COMPERJ sendo considerado uma locomotiva do desenvolvimento social, econômico e político ou uma grande desculpa pela falta desses investimentos na cidade, não muda a dura realidade que a cidade enfrenta atualmente. A violência aumentou vertiginosamente no município, a saúde é precária e das três casas de saúde da cidade, somente o Hospital Municipal Leal Junior funciona para atender os pacientes. Somada a crise financeiro do Estado do Rio de Janeiro, a crise que assola Itaboraí atormenta a população da cidade e não deixa de atingir a Educação e precariza ainda mais o atendimento ao surdo e o ensino de LIBRAS na região. A partir dessa contextualização, vamos abordar como funciona o ensino de surdos em Itaboraí, buscando analisar as dificuldades e desafios a serem vencidos, pensando o papel do professor de História no auxílio desse processo.

4 ENSINO DE SURDO EM ITABORAÍ E O OFÍCIO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NESSE PROCESSO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

Quando analisamos a educação escolar de indivíduos com surdez, nos aludimos não só a questões que se referem aos seus limites e possibilidades, mais também aos preconceitos existentes para com elas. Diante disso, cada vez mais as políticas educacionais tem demonstrado interesse em promover a inclusão escolar de alunos com surdez. Com efeito, especialmente depois da Declaração de Salamanca - Resultado da Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada entre 7 e 10 de junho de 1994, na cidade espanhola de Salamanca, a Declaração de Salamanca trata de princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais – e dá Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) , o que se verifica, com o apoio dessa legislação, respaldada na LDBN, é que as escolas regulares passaram a receber alunos e iniciou-se um processo de inclusão.

“Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.” (BRASIL, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. 1994, p.05).

O processo de integração no Brasil ficou mais em evidência a partir do ano de 1994 quando foi publicada a Política Nacional de Educação Especial, onde as pessoas com deficiência podiam frequentar o Ensino Regular. No entanto, esses alunos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

deveriam ter condições e capacidades de seguir o ritmo dos outros alunos não portadores de deficiência. Ou seja, nesse processo os alunos com deficiência deveriam se adaptar ao regime estabelecido. Essas práticas não visava uma modificação no currículo escolar e nem na prática docente, os alunos apenas deveriam se enquadrar ao grupo de alunos da escola e mesmo com suas dificuldades eles deveriam acompanhar os outros alunos. Em síntese, essas pessoas deveriam se adaptar ao meio para fazer parte da sociedade.

O que se percebe é que a sociedade brasileira possui leis e diretrizes que regulamentam e procuram a inclusão, mas em partes, o que falta é colocar adequadamente essas leis em prática, isto é, preparar as escolas para o recebimento desses alunos. Ou seja, providenciar os meios para que haja uma inclusão de fato e não somente de direito.

Quando Marc Bloch se refere ao ofício do historiador, é considerado um elogio belo, ser compreendido tanto pelos doutos como aos escolares. É necessário, através dessa afirmação, pensar o ofício do professor de História na sociedade, com ênfase no ensino do surdo. O professor que apresenta uma aula expositiva, com uma linguagem acadêmica, mantendo o foco da aula inteiramente em si, corre o risco de não ser compreendido pelos alunos, sendo eles ouvintes ou surdos. Apresentar uma História meramente factual, que não atribui significado a matéria que está sendo ensinada, que não propõe ao aluno realizar conexões entre o passado e o presente, acaba por manter a tradicional concepção onde o aluno é o ser sem luz e o professor é detentor total do conhecimento e serve somente como ponte entre o estudante e o conhecimento.

Pensando nisso, utilizamos a experiência vivida por Gabriele Vieira Neves, no ensino de História para alunos surdos no ensino médio na Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller, como base para pensar o ofício do professor de história em



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

ensinar uma História que transcenda o factual e gere uma reflexão no aluno relacionado ao seu papel na sociedade em que vive. Com foco no ensino do surdo é importante apresentar o duplo desafio do professor, em dar uma aula em Libras e sempre buscar métodos que procurem estimular seus alunos a se interessarem nas aulas. Gabriela Neves utilizou-se de objetos manipuláveis para auxiliarem os alunos a perceberem a história de forma concreta, além de imagens para mostrar com detalhes o período histórico abordado.

Cabe ressaltar que a escola Helen Keller possui a infra-estrutura em grande parte adaptada às necessidades especiais, realidade diferente da maioria das escolas do Município de Itaboraí. Para melhor entender a situação atual do ensino de Libras no Município, uma entrevista encaminhada para uma interprete da rede municipal, na qual Valéria Sales dos Santos Prado Pereira coordenadora da educação integral e especial de Itaboraí, explicou a atual situação da educação de surdos na cidade. Segue a entrevista:

P: QUANDO COMEÇOU NO MUNICÍPIO DE ITABORAÍ O TRABALHO EM CLASSES BILÍNGUE COM ALUNOS SURDOS?

R: Iniciou-se no ano de 2000, no anexo da e. m. Dr. Luiz Carlos Caffaro no bairro Nancilândia. Em 2001, quando a escola adquiriu sede própria no bairro do calundu, as classes tiveram continuidade lá. Em 2004, a classe bilíngue foi transferida para a e. m. Prof.^a Marly Cid Almeida de Abreu, sendo extinta em 2008. Os alunos, a partir de 2009, foram remanejados para classe regular na mesma escola.

P: ANTES DO SURGIMENTO DAS CLASSES ESPECIAIS ONDE ESSES ALUNOS ERAM ATENDIDOS?



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

R: No INES (Instituto Nacional de Surdos) do Rio de Janeiro; na APADA (associação de pais e amigos) em Niterói; na Escola Estadual de Educação Especial – Anne Sullivan em Niterói ou na E. M. Paulo freire também em Niterói.

P: POR QUEM E DE QUAL FORMA FOI REALIZADA A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA TRABALHAR COM ESSA NOVA MODALIDADE INCLUSIVA PARA OS SURDOS?

R: Pela Secretaria Municipal de Educação, oferecendo aos professores interessados, formação no INES - Instituto Nacional de Surdos.

P: COMO FOI A EXPERIÊNCIA?

R: Excelente. Tivemos oportunidade de conhecer mais e melhor o universo dos surdos. Aprendemos também sobre as especificidades da língua de sinais e da cultura dos Surdos.

P: SENTIA-SE PREPARADA PARA ATENDER ESSA NOVA DEMANDA DE ALUNOS?

R: Na verdade recebemos incentivos para buscar, pesquisar e explorar mais. Sempre estamos nos preparando, pois a demanda está sempre aumentando e se modificando.

P: QUANTAS ESCOLAS HAVIA NESSE PERÍODO PARA O ATENDIMENTO DE ALUNOS SURDOS?

R: Apenas uma a escola municipal anexa Drº Luis Carlos Caffaro em Nancilândia.

P: QUAL A OPINIÃO DE VOCÊS A RESPEITO DO TÉRMINO DA CLASSE BILÍNGUE DE SURDOS E A INSERÇÃO DESSES ALUNOS NA CLASSE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

REGULAR COM INTÉRPRETE?

R: O ideal seria que os surdos estivessem em classe bilíngue até o quinto ano e após esse período fossem acompanhados por intérprete na classe inclusiva, juntos com alunos ouvintes.

P: EM SUA OPINIÃO, QUAL O PAPEL DO TRADUTOR-INTÉRPRETE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO?

R: Sua função é interpretar a língua de sinais para outro idioma, ou deste outro idioma para a língua de sinais. o intérprete de libras é o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que está qualificado para desempenhar a função. Ele deve ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação, além de possuir formação específica na área de sua atuação (por exemplo, a área da educação).

P: COMO ERA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS NO PERÍODO DE ATENDIMENTO NAS CLASSES ESPECIAIS?

R: Antes das classes bilíngues e da inserção do intérprete nas salas de aula, o aluno surdo recebia o mesmo direcionamento pedagógico dos demais alunos deficientes, sua aprendizagem não acontecia do modo desejado, pois ele não interagira na sua língua mãe, a libras.

P: JÁ HAVIA PROFISSIONAIS INTÉRPRETES NA REDE DE EDUCAÇÃO, ANTES DO ANO DE 2010 PARA ATENDER A DEMANDA DOS ALUNOS SURDOS?



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

R: Sim.

P: NESSE PERÍODO, COMO OS SURDOS ERAM ATENDIDOS NAS CLASSES REGULARES A PARTIR DO 2º SEGMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL?

R: Eram profissionais contratados e estes atendiam na sala de aula.

Como é possível visualizar na entrevista, o ensino de surdos no município é baseado principalmente nos interpretes, contudo, se o aluno não conhecer a língua de sinais, como será realizado o aprendizado desse aluno? O que a secretaria de educação buscou fazer para solucionar essa problemática? Levamos nosso questionamento até secretaria de educação, e fomos informados que no Colégio Estadual Visconde de Itaboraí acontece às terças e quintas feiras um curso de Libras ministrado por três professores surdos destinados aos alunos surdos da rede pública.

O curso teve início em 2008, destinado primeiramente para toda a comunidade e para os alunos da rede Estadual e Municipal com surdez. Contudo, nesse semestre de Janeiro à Junho, o curso é destinado somente para os alunos da rede pública. Os professores do curso, vão em todas as escolas municipais do município, oferecendo a oportunidade para os alunos surdos, aprenderem a língua de sinais ou se aprimorarem nela. O principal desafio para que funcione o curso, é a falta de espaço para serem realizadas as aulas. Valéria a coordenadora da educação especial, nos informou que a diretora do Colégio Estadual Visconde de Itaboraí, cedeu algumas salas do Colégio para que ocorresse o curso no horário da tarde.

Uma queixa em comum, realizada tanto pela Eliane, diretora do Colégio Estadual Visconde de Itaboraí, pela coordenadora de educação especial e pelos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

professores do curso de libras, foi a falta de intérprete na rede pública. Paollia Moura, intérprete do Colégio Estadual Visconde de Itaboraí, queixou-se também, da falta de preparos dos professores no momento de ensinar o aluno surdo. Afinal é necessário ser mais do que uma ponte entre o conhecimento e o aluno, é preciso gerar uma reflexão no aluno, seja ele ouvinte ou surdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fica claro, é que não se pode deixar de considerar as dificuldades específicas, isso expressa à nítida necessidade de um empenho mais contundente por parte do poder público, para que escolas possam realmente atender as necessidade dos alunos surdos. Ainda há muito que se debater no campo da educação de surdos, com feito o que se revela é a necessidade de prover ao individuo surdo uma maneira de educar que atenda as demandas da sociedade e ao mesmo tempo que respeite as diferenças culturas, situando o indivíduo de modo a promover sua autonomia.

Constatamos neste estudo que os surdos aprendem através da língua de sinais, no entanto o que se percebe não é a deficiência da comunidade surda, pois não se trata apenas de uma visão que se restringe a limitação auditiva, mas de implicações que são desdobramentos de um escasso atendimento a comunidade e de poucos intérpretes em salas regulares e da difícil comunicação com as famílias, devido em grande parte as dificuldades provocadas pela barreira linguística.

O que podemos concluir através dessas reflexões é que devemos considerar alguns aspectos com urgência. Faltam adaptações curriculares para que: alunos surdos sejam atendidos como deveriam, a equipe educacional precisa se ampliada uma vez que



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

são atendidos apenas uma ou duas vezes na semana, a contratação dos intérpretes nas salas regulares nas escolas municipais.

Quando pensamos a respeito da escolarização destes alunos surdos, foi possível perceber que a língua de sinais precisa ser incentivada no ambiente familiar, pois a família colabora para a inclusão social dos surdos, para a construção das identidades e melhoria da qualidade de vida deles como sujeitos, cabendo aos educadores o papel de dar voz á esses sujeitos, respeitando suas particularidades e diferenças culturais para que tenham contato com as duas comunidades linguísticas e sejam identificados como indivíduos capazes e dotados de plena autonomia.

É importante que o professor de História, além de buscar apresentar uma aula buscando instigar o aluno surdo, respeitando a sua diferença . É necessário que ele auxilie o aluno a reconhecer que a comunidade surda, possui uma história, que foi marcada por preconceitos e grandes dificuldades, contudo, é necessário se orgulhar dos direitos conquistados e continuar lutando por uma sociedade mais inclusiva. Essa tarefa não é restrita ao professor de História, mas cabe a ele reconhecer que seu aluno também possui uma História.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago José Batista; **CAMARGO**, Eder Pires de; **MELLO**, Denise Fernandes de.: DIFICULDADES RELATADAS POR PROFESSORES NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA. III Congresso Brasileiro de Educação - UNESP - Bauru. Disponível em: <



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

<http://www2.fc.unesp.br/encine/documentos/AP/2011/2011-1.php>> Acesso em 11 jun. 2017.

BERTHIER Ferdinand, Les sourds-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée, Paris, Ledoyen, 1840, 90 p.

BERTHIER, F. Les sourds-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée. In LANE, H. E PHILIP, F. The deaf experience: classics in language and education, tradução do original francês para o inglês de Philip, F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. **Declaração de Salamanca e linha de ação**. Brasília: Corde, 1997.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 11 de jun 2017.

BRASIL. LEI DE LIBRAS - LEI 10436/02 | LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Disponível em: < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02>> Acesso em: 11 de jun 2017.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001.)CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> Acesso em 11 de jun 2017.

LAMARÃO, Marco Vinícius Moreira. A expectativa do COMPERJ e Itaboraí: da cidade do futuro ao futuro da cidade. Disponível em: <<https://www.historiadeitaborai.org/comperj>> Acesso em: 10 jun 2017.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro.: UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS, SEGUNDO FERDINAND BERTHIER. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.255-265, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

NEVES, Gabriele Vieira. Ensino de História para alunos surdos de Ensino Médio: Desafios e possibilidades. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia - PUCPR.

PEREIRA, Terezinha de Lourdes.: Os desafios da Implementação do Ensino de Libras no Ensino Superior. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, SP. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp080631.pdf>> Acesso em 10 jun. 2017.

SOUZA, Regina Maria. Língua de sinais e escola: considerações a partir do texto de regulamentação da língua brasileira de sinais. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.266-281, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

STROBEL, Karin Lílian. A visão Histórica da In(ex)clusão dos surdos nas escolas. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.245-254, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

PEREIRA, Valéria Sales. Início da Educação de Surdos no Município de Itaboraí e a formação das classes especiais. Itaboraí. Entrevista concedida a uma intérprete da rede municipal de Itaboraí.